

A curvatura da vara em múltiplas dimensões

The curvature of the rod in multiple dimensions

La curvatura de la varilla em múltiples dimensiones

*Anselmo Alencar Colares*¹



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe17535>

Resumo: Os 40 anos do lançamento do livro **Escola e democracia** esteve no centro dos debates da XVI Jornada do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, sociedade e educação no Brasil – HISTEDBR”, realizada em João Pessoa/PB, em 2023. Este texto expressa o posicionamento do autor, na mesa intitulada **Para além da curvatura da vara: fundamentos filosóficos e políticos da pedagogia histórico-crítica**. Compreender a marginalidade (depois chamada de exclusão) e como as teorias educacionais a consideravam – ou melhor, a desconsideravam – sedimentando a educação dual da sociedade de classes, é fundamental para o entendimento das intrínsecas relações entre sociedade e educação, sociedade e política, política e educação. O propósito do texto, oriundo de pesquisa bibliográfica e da vivência como professor de história da educação, é o de contribuir para a continuidade dos esforços no sentido de curvar a vara, na luta pela superação das injustiças e desigualdades sociais.

Palavras-chave: Curvatura da vara. Escola e democracia. Pedagogia contra-hegemônica.

Abstract: The 40th anniversary of the launch of the book **School and democracy** was at the center of the debates of the XVI Journey of the Study and Research Group "History, society and education in Brazil – HISTEDBR", held in João Pessoa/PB, in 2023. This text expresses the author's position, in the panel entitled **Beyond the curvature of the rod: philosophical and political foundations of historical-critical pedagogy**. Understanding marginality (later called exclusion) and how educational theories considered it – or rather, disregarded it – sedimenting the dual education of class society, is fundamental to the understanding of the intrinsic relations between society and education, society and politics, politics and education. The purpose of the text, derived from bibliographic research and experience as a teacher of the history of education, is to contribute to the continuity of efforts to bend the rod, in the struggle to overcome injustices and social inequalities.

Keywords: Stick curvature. School and democracy. Counter-hegemonic pedagogy.

¹ Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1107767923215438>. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1767-5640>. Contato: anselmocolares@gmail.com



Resumen: El 40º aniversario del lanzamiento del libro **Escuela y democracia** estuvo en el centro de los debates de la XVI Jornada del Grupo de Estudios e Investigación "Historia, sociedad y educación en Brasil – HISTEDBR", realizada en João Pessoa/PB, en 2023. Este texto expresa la posición del autor, en el panel titulado **Más allá de la curvatura de la vara: fundamentos filosóficos y políticos de la pedagogía histórico-crítica**. Comprender la marginalidad (luego llamada exclusión) y cómo las teorías educativas la consideraron –o más bien, la ignoraron– sedimentando la educación dual de la sociedad de clases, es fundamental para la comprensión de las relaciones intrínsecas entre sociedad y educación, sociedad y política, política y educación. El propósito del texto, derivado de la investigación bibliográfica y de la experiencia como docente de la historia de la educación, es contribuir a la continuidad de los esfuerzos por doblar la vara, en la lucha por superar las injusticias y las desigualdades sociales.

Palabras clave: Curvatura del palo. Escuela y democracia. Pedagogía contra hegemónica.

1 INTRODUÇÃO

A escola que frequentamos – como estudantes ou professores – é uma instituição social carregada de historicidade. A forma atual é relativamente recente, porém, mantém características que remontam aos primórdios de sua constituição, enquanto *locus* de formação diferenciada em sociedades já divididas em classe. Na acepção original da palavra grega, *scholé* (escola) corresponde a “lugar do ócio”, destinado a uma pequena parte da sociedade, os integrantes da classe proprietária dos meios de produção, e se destinava “ao aprendizado da arte da oratória, à reflexão sobre os processos de dominação e à preparação política” da classe dirigente (Lombardi; Colares, 2020, p. 13-14).

A instituição escola se consolidou como local destinado ao ensino e à aprendizagem, que constituem importantes fatores no processo formativo que constitui a educação. Quando nos interrogamos sobre a definição dos conteúdos, a que e a quem se destinam, podemos melhor identificar as disputas em torno do controle da escola e ao estabelecimento dos objetivos e fins da educação.

Na evolução da espécie humana o aprendizado constitui fator decisivo, uma vez que, ao contrário dos outros seres que apenas se adaptam à natureza, nossa espécie aprendeu a modificar a natureza, adaptando-a para o atendimento de suas necessidades. Por meio do trabalho e, concomitantemente, dos aprendizados que foram sendo sistematizados e transmitidos, de forma coletiva, a humanidade foi se constituindo. Nas comunidades anteriores à divisão de classes, o aprender ocorria de forma assistemática e coletiva, tal como ocorria quanto da coleta e usufruto do alimento obtido na natureza para o suprimento das necessidades.



Vemos, assim, que se estabeleceu a necessidade de aprender, como condição de sobrevivência da espécie. Como explica Saviani:

[...] É nesse processo, isto é, na ação, na produção da vida que os homens aprendem a se produzir a si mesmos, isto é, a se tornarem homens. Identificamos, pois, que as origens da educação se confundem com as origens do próprio homem: desde que existe homem, existe educação. Isso pelo simples fato de que, não tendo sua existência garantida pela natureza, o homem precisa aprender a produzi-la. E ele aprende a produzir produzindo, ou seja, agindo sobre a natureza e transformando-a. Eis como ele se educa, isto é, forma-se como homem. É por esse caminho que a educação institui a humanidade no homem. E dado que essa é uma condição tanto da espécie quanto dos indivíduos que a integram, tal processo educativo necessita desenvolver-se indefinidamente, seja de modo geral, seja especificamente como exigência para se formarem as novas gerações.

Em suma, podemos considerar que, sendo a educação a formação do homem, entendida em seu conceito amplo, ela não é outra coisa senão o próprio processo de produção da realidade humana em seu conjunto. De outro lado, considerando-se que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica, a educação, em termos estritos, isto é, a educação enquanto atividade intencional, consiste no ato de produzir em cada indivíduo a humanidade que é produzida historicamente pelo conjunto dos homens. Isso significa, como assinalei no livro *Pedagogia histórico-crítica*, que o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. De maneira mais simples, podemos, então, considerar a educação como a promoção do homem (Saviani, 2014, p. 53-54).

Aprender constitui condição de sobrevivência, integra a constituição humana. Todavia, no que pese a relevância e a imprescindibilidade do aprendizado, para todos os indivíduos da espécie humana, desde o surgimento da propriedade privada dos meios de produção e da divisão de classes, vem ocorrendo a separação pragmática entre o conhecimento prático (o fazer) e o conhecimento sistematizado (o pensar), resultando na negação do acesso a determinados saberes. Dessa forma, a classe constituída pelos proprietários dos meios de produção passou a deter um poder diferenciado e asfixiante sobre as demais classes, notadamente com a consolidação do modo de produção capitalista e da burguesia enquanto classe hegemônica. Criou-se, dessa forma, um fosso quase intransponível, alimentado pelos privilégios acumulados ao longo do tempo pelas classes que passaram a exercer domínio sobre as outras.

Apropriando-se de um saber diferenciado, fortaleceram o poder e passaram a dar os rumos para o conjunto da sociedade, definindo o quê, onde e como produzir e as formas de acesso aos produtos, as quais muitas vezes se tornam inviáveis, como ocorreu



e ainda ocorre com relação ao conhecimento sistematizado que integra os currículos escolares. E quando o acesso ocorre, as condições objetivas concretas dos integrantes da classe trabalhadora muitas vezes inviabilizam a eles a permanência e o êxito.

Em *Escola e Democracia*, livro publicado em sua primeira edição em 1983, Dermeval Saviani aborda o tema em consonância com a análise marxista da sociedade. Foi um marco da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), distinguindo-a das demais teorias pedagógicas na compreensão e tomada de posicionamento diante dos problemas educacionais. Dentre eles, o da marginalidade, confirmada pelo enorme quantitativo de crianças e jovens que tinham acesso à escola e pelos que conseguiam entrar, mas não logravam êxito. Nos tempos mais recentes se tornou usual o termo “exclusão” para caracterizar os que ficam à margem. O Capítulo 1, denominado “As teorias da educação e o problema da marginalidade”, inicia apresentando o seguinte problema: estimativas relativas ao ano 1970 apontavam que “cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semi-analfabetismo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina (Tedesco, 1981, p. 67)”. Para o problema apresentado, e que diz respeito à prática social dos educadores, Saviani questiona: “Como interpretar esse dado? Como explicá-lo? Como as teorias da educação se posicionam diante dessa situação?” (2008, p. 3). Ao longo do referido capítulo aprofunda a problematização e nos instrumentaliza com os fundamentos da análise, levando-nos à catarse que possibilita retomar a prática social de maneira transformada. Para tanto, propicia-nos conhecer o posicionamento das Teorias Não Críticas e das Teorias Crítico-Reprodutivistas diante das questões postas; e aponta uma perspectiva superadora que denomina “Para uma Teoria Crítica da Educação” (tema que será aprofundado adiante, quando anuncia um esboço da PHC no capítulo denominado “Escola e Democracia II: para além da teoria da curvatura da vara”.

Em várias das edições o livro integrava a coleção “Polêmicas do nosso tempo” e trazia na capa os seguintes subtítulos: “Teorias da educação”; “Curvatura da vara”; e “Onze teses sobre educação e política”. Edições comemorativas mais recentes incorporam vários prefácios; a de 2008 traz um apêndice relevante para compreendermos importantes repercussões da obra, denominado “Setenta anos do ‘Manifesto’ e vinte anos de *Escola e Democracia*: balanço de uma polêmica” (p. 75 a 100) e de maneira especial as explicações elaboradas no tópico “A Escola Nova exercitando a ‘teoria da curvatura da vara’”. Discorrendo sobre ensinar crianças e a relação com as matérias ensinadas, observa Saviani que “[...] com a predominância da Escola Tradicional, a vara foi entortada para o lado das matérias, a Escola Nova, exercitando a ‘teoria da curvatura da vara’,



buscou curvar a vara para o lado da criança”. Esse reconhecimento, todavia, vem acompanhado de uma observação crítica, de que: “Ao fazê-lo, entretanto [...] difundiu-se como se fosse a pura expressão de uma verdade pedagógica” (2008, p. 98). A crítica suscitou uma longa polêmica e no texto em referência ela é retomada e novamente esclarecida.

O livro *Escola e Democracia*, desde a sua primeira edição se compõe de alguns textos já publicados separadamente em outros formatos. Vejamos: “As teorias da educação e o problema da marginalidade”, publicado nos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas – Revista de Estudos e Pesquisas em Educação, n. 42, em agosto de 1982. Os capítulos denominados, respectivamente “Escola e Democracia I” e “Escola e Democracia II” reproduzem os artigos “Escola e democracia ou a ‘Teoria da curvatura da vara’” e “Escola e democracia: para além da teoria da curvatura da vara”, publicados na Ande: Revista da Associação Nacional de Educação, respectivamente em 1981 e 1982.

A mesa da qual participei na XVI Jornada do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, realizada na Universidade Federal de João Pessoa/PB em 2023, celebrando os 40 anos da obra *Escola e Democracia*, foi voltada para a discussão em torno da temática **Para além da curvatura da vara: fundamentos filosóficos e políticos da pedagogia histórico-crítica**. Desse modo, a reflexão desenvolvida extrapolou o texto do livro, abrangendo outras reflexões presentes na vasta obra de **Dermeval Saviani**, uma das principais referências no campo da educação no Brasil. O livro *Escola e Democracia* continua sendo atual e muito relevante, assim como a necessidade de compreendermos a metáfora da curvatura da vara. Se naquele contexto ela estava posta de forma mais visível e imediata, no campo político, por conta da ditadura instalada com o golpe de 1964, hoje ela se mostra nitidamente em suas múltiplas dimensões. *Escola e Democracia* foi e continua sendo um farol a iluminar uma noite de trevas. Compreender a marginalidade (exclusão) e como as teorias educacionais a consideravam – ou melhor, a desconsideravam – sedimentando a educação dual da sociedade de classes, é fundamental para o entendimento das intrínsecas relações entre sociedade e educação e para que possamos agir na curvatura da vara e em prol dos interesses da classe que historicamente tem ficado à margem do usufruto daquilo que a humanidade produz. Condição para que se possa inverter os polos da lógica burguesa que, na relação capital/trabalho, superdimensionou o primeiro, alicerçando sua ideologia individualista da competição, do consumo e da naturalização das desigualdades.



Cabe aqui lembrar o que afirmam Marx e Engels (1998, p. 15) no *Manifesto comunista* quanto ao fato de a burguesia arrastar todas as nações para seu modelo de civilização, sendo que “a instrução, levada a cabo pela escola, foi o mecanismo por excelência do propósito civilizatório burguês” (Lombardi; Colares, 2020, p. 23). Uma vez que a história foi curvada para atender aos interesses das classes proprietárias, coloca-se como exigência a compreensão da historicidade do processo e sua superação, por meio da luta de classes, para a qual a educação escolar é chamada a contribuir.

Na iminência da barbárie, com a intensificação da necropolítica neoliberal articulada com as ondas negacionistas e as crenças religiosas orientadas pela mercantilização da fé, estamos diante da urgência da formação educacional na perspectiva emancipatória. Eis a razão da curvatura da vara se impor em múltiplas dimensões, como se busca demonstrar ao longo do texto.

2 PARA ALÉM DA CURVATURA DA VARA

Por ser um texto oriundo de uma fala em uma mesa compartilhada com outros dois colegas, deixo aqui registrado o agradecimento pelo convite feito pela comissão organizadora do evento, parabenizando-os pela temática e pelo empenho em acolher os participantes da melhor forma possível, apesar de alguns percalços, que não cabe explicitar neste espaço, tendo em vista que estamos diante de uma tarefa muito maior, que é a de compartilhar análises com vista à compreensão e superação de tudo que impede a humanidade de se emancipar de todas as formas de opressão, as quais têm, na constituição das classes sociais e no modo de produção capitalista, os seus pilares.

Os integrantes da mesa foram instigados a pensar e a socializar as reflexões tendo por referência o tema “Para além da curvatura da vara: fundamentos filosóficos e políticos da pedagogia histórico-crítica”. Não chegamos a realizar uma divisão formal e prévia, porém, nas falas foi perceptível que o tema mereceu diferentes abordagens sem perder a sua unidade. O “para além” não teve – e nem caberia – a intenção de sair dos fundamentos expostos pelo iminente autor, que deu destaque inicial à expressão “curvatura da vara” nas análises dos problemas educacionais. Buscou-se verificar a sua atualidade, tendo em vista os diferentes contextos – o de sua formulação inicial e o atual – ao mesmo tempo em que vislumbramos as lutas que precisamos empreender para garantir não apenas a recuperação de direitos ou a conquista de migalhas, mas avançarmos para a superação definitiva de todas as limitações que impedem a emancipação da humanidade.



Tratar dos fundamentos filosóficos e políticos da pedagogia histórico-crítica em um evento que elegeu como tema central o 40º aniversário do livro *Escola e Democracia* é, antes de tudo, colocar no centro dos debates o autor do livro, o professor emérito da Unicamp, pesquisador emérito do CNPq, feito professor *honoris causa* desta universidade, a Federal da Paraíba, em 2017, mesmo ano em que também recebeu o título de *honoris causa* da Universidade Tiradentes, de Sergipe. Dois anos depois, em 2019, da Federal de Santa Maria e, em 2022, da Federal de São Carlos. E neste ano de 2023, *doutor honoris causa* pela Universidade Federal do Oeste da Bahia. São inúmeras menções honrosas, não vou aqui enumerá-las, mas recomendo que busquem conhecer e expressar o reconhecimento ao iminente professor Dermeval Saviani, que nos honra como líder do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, o Histedbr.

Li *Escola e Democracia* pela primeira vez no ano em que foi lançado e que marcou também o meu ingresso no curso de Pedagogia, no então *Campus* da Universidade Federal do Pará, em Santarém, minha terra natal. O curso foi realizado no período 1983-1988. Fazendo uma regressão na memória, destaco as lembranças relativas às impressões iniciais que a leitura propiciou a mim e aos colegas de turma. Para alguns, a expressão “curvatura da vara” foi motivo de sorrisos (talvez por pura ignorância, no sentido do desconhecimento, ou por remeter para algum campo da subjetividade ainda reprimido). Para outros, serviu de impulso para o exercício da expressão política. Mas ainda sem a compreensão ampla de qual curvatura realizar para nos contrapor naqueles tempos de repressão. Mesmo que já estivéssemos nos anos finais da ditadura instaurada em 1964, a prefeitura de Santarém ainda estava sob o comando de um prefeito nomeado pelo governador do estado, também nomeado e dependendo do aval da Presidência da República, uma vez que se tratava de um município que integrava as chamadas áreas de “segurança nacional”.

A vara posta para nós, naquele momento, de forma mais visível e imediata, era a do campo político. Santarém, desde o ano de 1969, havia sido incluída no rol das cidades consideradas como área de segurança nacional. Prefeitos nomeados, ausência de debates políticos quanto às causas das mazelas sociais e uma educação, nas escolas de primeiro e segundo graus (nomenclatura da época) alinhada à concepção hegemônica orientada pelas normativas legais. Naquele contexto, *Escola e Democracia* foi um farol a iluminar uma noite de trevas. Ainda que tivéssemos, então, pouco entendimento de sua profundidade.



Compreender a marginalidade (exclusão) e como as teorias educacionais a consideravam – ou melhor, a desconsideravam –, representou um extraordinário impulso para a compreensão da educação dual em uma sociedade de classes e para o entendimento das intrínsecas relações entre sociedade e educação, sociedade e política, política e educação. Mas foi só em anos posteriores que fui compreendendo que a vara que nos oprimia não era apenas de natureza política. Mesmo que a política fosse a expressão, a aparência, havia algo mais profundo, uma essência, da qual irradiava um conjunto de situações que alicerçavam as desigualdades explícitas na marginalidade social e educacional.

Com a ida à Unicamp (em 1996), para cursar o mestrado na Faculdade de Educação, tive a oportunidade de ter aulas com os professores José Claudinei Lombardi (meu orientador) e o próprio Dermeval Saviani, além de estabelecer laços que se consolidaram no tempo, com os colegas de turma tais como o Luiz Bezerra, a Mara Jacomeli e o Paulino Orso, dentre outros. Foi naquele contexto que então compreendi o que o professor Frederico expôs ontem à tarde de forma bem simples e rápida, se reportando a Lênin: a burguesia havia curvado a vara em seu proveito. Se fazia necessário curvá-la em direção aos interesses do proletariado. Não apenas no campo político ou de alguma circunstância conjuntural; nem tampouco apenas no campo educacional, e sim uma curvatura na estrutura da sociedade, nas bases do modo de produção.

Penso que passados 40 anos do lançamento de *Escola e Democracia*, algumas das questões que destaquei como limites da compreensão inicial da obra e do termo “curvatura da vara” ainda estejam postas. Há quem leia *Escola e Democracia* e outros escritos que constituem o arcabouço da Pedagogia Histórico-Crítica sem alcançar a sua dimensão de totalidade, ficando preso à busca de alguma receita para o ensinar, preocupados que estão – coerentemente – com os aprendizados dos estudantes. E talvez por não encontrarem, de imediato, as respostas às suas inquietações práticas, voltem-se para as pedagogias hegemônicas do Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser, e tantas outras que se mostram atrativas e encantadoras, sem, contudo, dizer uma palavra que contrarie o sistema vigente sob o modo de produção alicerçado na propriedade privada dos meios de produção. Ao contrário, são pedagogias da conformidade ao sistema, por meio das competências e habilidades que interessam ao capital. No caso da pedagogia histórico-crítica, tem-se “a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana” (Saviani, 2011, p. 76).



A PHC, com sua fundamentação filosófica e ação política, atua claramente a serviço dos interesses dos trabalhadores, da classe dominada no âmbito da sociedade capitalista. Mensagem muito clara que ainda parece ser pouco compreendida e disseminada na educação básica, em que se encontra a expressiva maioria de docentes, discentes e gestores. A constatação pode ser verificada também nos cursos de licenciatura nos quais são formados os profissionais que vão atuar na educação e que podem contribuir na curvatura da vara – ou, ao contrário, fortalecer o direcionamento para a manutenção das desigualdades. Como interpretar a adesão pelas pedagogias hegemônicas por quem deveria refutá-las? Não creio que seja uma atitude de má-fé. Acredito que lhes falta maior e melhor compreensão das intrincadas armadilhas postas pela classe dominante, por meio de seus ideólogos que se fazem presentes no campo educacional. São especialistas nas estratégias diversionistas, desviando o foco das questões centrais, de fundo, para as novidades que se mostram capazes de realizar milagres diante da busca de professores e professoras em acertar, em motivar os estudantes e em alcançar resultados expressivos que são muitas vezes cobrados pelos dirigentes dos sistemas de ensino.

As pedagogias hegemônicas são fartamente carregadas de termos cuidadosamente elaborados com estratégias de marketing e voltados para acentuar a competição em detrimento da cooperação, acentuar a individualidade e a meritocracia em lugar da solidariedade e das políticas públicas promotoras de oportunidades. Faz-se necessário, então, que compreendamos os fundamentos filosóficos, históricos e políticos das diversas pedagogias, e a partir da compreensão de suas diferenças, que façamos a curvatura da vara para a outra direção. Para isso se faz necessário acumular forças para a conquista da hegemonia na luta pelo fim das injustiças e desigualdades. Não apenas no campo pedagógico educacional, mas no conjunto das questões que afligem a sociedade.

A fala ora convertida em texto², dados os limites de tempo e espaço, respectivamente, traz o convite para o aprofundamento da compreensão das concepções que orientam tanto as pedagogias hegemônicas quanto as não hegemônicas³ e, dentre

² A íntegra das falas está disponível no YouTube como o título: Para Além da Curvatura da vara: Fundamentos filosóficos e políticos da PHC, no seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/live/2xpKEb_hrBM?si=Qd4i4hIOYoGx9nO7

³ Denominam-se pedagogias contra-hegemônicas aquelas orientações que não apenas não conseguiram se tornar dominantes, mas que buscam intencional e sistematicamente colocar a educação a serviço das forças que lutam para transformar a ordem vigente visando a instaurar uma nova forma de sociedade. Situam-se nesse âmbito as pedagogias socialista, libertária, comunista, libertadora, histórico-crítica. (SAVIANI, verbete publicado no Glossário do Histedbr, Coleção Navegando pela História da Educação Brasileira, ano 2006. Disponível em: Concepções pedagógicas contra-hegemônicas | HISTEDBR (unicamp.br).



estas, a especial atenção para a Pedagogia Histórico-Crítica, por se constituir como a que apresenta claramente a proposição da curvatura da vara. Portanto, carrega o potencial revolucionário.

E como observa Orso (p. 162) “Revolução não combina com ignorância. Ainda que insuficiente, o conhecimento é indispensável. Numa sociedade de ignorantes, a revolução não se sustenta, a não ser pela força.” Na sequência, o autor referido tece comentários nos quais articular os conhecimentos teóricos e práticos na práxis transformadora.

Se os alunos compreenderem a história da humanidade e o funcionamento da sociedade, se se compreenderem enquanto trabalhadores, aqueles que produzem tudo, mas que são expropriados, dominados e usufruem apenas de migalhas, enquanto que, aqueles que não trabalham e não produzem, apropriam-se do excedente, isto é, da mais valia, certamente não permanecerão postados apenas como expectadores esperando a morte chegar. Aqui a teoria e a prática se unificam na práxis revolucionária e a educação adquire um caráter revolucionário.

Mas, para que isso ocorra, como afirma Marx na Tese 3 sobre Feuerbach, é necessário que “o educador seja educado’, ou então, reeducado, que se entenda como trabalhador, e se reconheça enquanto tal, com todas as implicações que disso decorrem e, conseqüentemente, que assuma o compromisso e a determinação de lutar com todas as suas forças pela superação tanto de sua condição e como a de seus alunos, ou seja, de transformar tudo o que necessita ser transformado (Orso, 2017, p. 162).

Herdamos da tradição da modernidade a escola como espaço de transformação de súditos em cidadãos. E para isso eles precisavam ser educados. Ganhou relevância política a escola pública, com oferta universal, de caráter obrigatório, gratuita e laica. Compreender os seus fundamentos filosóficos requer pensarmos em todos os aspetos que compõem a totalidade histórico-social. O que nos coloca como exigência a leitura de obras clássicas objetivando ampliarmos a compreensão da PHC e com esse entendimento, participarmos da tarefa coletiva, permanente, de sua construção e atualização, enquanto um dos mecanismos das lutas políticas objetivo revolucionar a sociedade fundada sobre a propriedade privada dos meios de produção. Ainda sobre as obras nas quais encontramos os fundamentos da PHC, vale lembrar a advertência feita pelo próprio Saviani:

[...] é de inspiração que se trata e não de extrair dos clássicos do marxismo uma teoria pedagógica. Pois, como se sabe, nem Marx, nem Engels, Lênin ou Gramsci desenvolveram teoria pedagógica em sentido próprio. Assim, quando esses autores são citados, o que está em causa não é a transposição de seus textos para a pedagogia e, nem mesmo, a aplicação de suas análises ao contexto pedagógico. Aquilo que está em causa é a elaboração de uma concepção pedagógica em consonância com a



concepção de mundo e de homem própria do materialismo histórico (Saviani, 2007, p. 420).

A tarefa coletiva da construção de uma pedagogia inspirada no marxismo, é acentuada por Saviani desde as primeiras publicações. No livro publicado em 1991, denominado *Pedagogia Histórico-Crítica Primeiras Aproximações*, afirma que ela “vai tomando forma à medida que se diferencia no bojo das concepções críticas (SAVIANI, 1991, p. 57). No livro mencionado, o tópico “2. A BUSCA DE SAÍDAS TEÓRICAS” (páginas 59 a 61) relata suas inquietações quanto a ausência de uma concepção dialética de educação, levando-o a produzir uma sistematização a partir de escritos que mais se identificavam com a perspectiva marxista. No tópico “3. O NOME” (p. 61) explica que no seminário sobre educação brasileira realizado em 1978, em Campinas, cunha a expressão “histórico-crítica”. E no tópico “4. UM MARCO: 1979 (p. 61 a 63), refere-se ao momento em que o problema relativo a abordar a educação de forma dialética passou a ser discutido de forma ampla e coletiva. O que implicava a apreensão da concepção de fundo (de ordem ontológica, epistemológica e metodológica) que caracteriza o materialismo histórico

Saviani estruturou uma teoria crítica de caráter dialético, articuladora da relação entre educação e suas múltiplas determinações sociais, tendo em vista a transformação da sociedade na perspectiva da classe trabalhadora. Uma teoria que adentra os processos pedagógicos, reconstruindo suas características objetivas e formulando as diretrizes para a reorganização do trabalho educativo voltado à construção de uma nova sociedade. Como afirmam Lopes e Domingues:

O papel da educação contra-hegemônica que se posiciona em contraposição à hegemonia burguesa, é crucial para a construção de condições que contribuirão para a derrocada do capitalismo e, conseqüentemente, do processo de suplantação da alienação do trabalho. É pela educação contra-hegemônica na perspectiva da PHC que se acredita nas possibilidades de adquirir consciência de classe (que se traduz no reconhecimento e na defesa dos interesses da classe trabalhadora do ponto de vista econômico, político, social, cultural), consciência crítica e transformadora em nível coletivo para lutar em prol dos processos intencionais que visam à transcendência da alienação do trabalho (2018, p. 70).

A leitura de *Escola e Democracia* nos leva à compreensão da escola como instrumento privilegiado de construção da ordem democrática, e que uma escola democrática se relaciona intrinsecamente com a ideia da cidadania, para além da “democracia formal” da sociedade liberal que oferece a noção de igualdade jurídica sem



alterar as desigualdades produtoras da marginalização social. Compreende-se também que a verdadeira emancipação humana seja possível somente com a superação da sociedade capitalista. Isso porque, seguindo as análises efetivas por Marx, a acumulação privada das riquezas produzidas com o desenvolvimento das forças produtivas gera, contraditoriamente, o aumento da miséria.

Os resultados a que Marx chegou não decorreram apenas de estudos teóricos, mas da observação atenta da realidade tal como se apresentava em sua época. De forma análoga, podemos inferir que os resultados aos quais a PHC chega, seja nas obras de Saviani ou no conjunto dos partícipes de sua construção, não decorrem apenas de estudos em torno de suas bases epistemológicas, mas fundamentalmente da realidade objetiva, da prática social concreta, das contradições e das lutas. Convém destacar que

[...] para o marxismo, não faz o menor sentido analisar abstratamente a educação, pois essa é apenas uma dimensão da vida dos homens que, tal como qualquer outro aspecto da vida e do mundo existente, se transforma historicamente, acompanhando e articulando-se às transformações por que passa a produção da existência humana. A educação (e nela todo o aparato escolar) não pode ser entendida como uma esfera estanque e separada da vida social, pois está profundamente inserida no contexto em que surge e se desenvolve, também vivenciando e expressando os movimentos contraditórios que emergem dos processos das lutas entre classes e frações de classe (Lombardi, 2010, p. 20-21).

Dessa forma, compreender o modo de produção da própria existência humana, como base e fundamento da história, é tarefa inadiável a educadores que almejam lutar pela transformação social e, para tanto, buscam fundamentar-se na PHC. Em uma entrevista na qual foi perguntado sobre Modo de Produção, Saviani explica que:

[...] ao definir a educação como “o ato de produzir, ativa e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”, essa teoria pedagógica está se reportando explicitamente ao conceito de “modo de produção”, pois entende que do modo como os homens produzem sua existência deriva o modo como se produz a educação [...] (Saviani, 2009, p. 111).

Na pergunta anterior Saviani havia esclarecido que Marx, ao formular o conceito de modo de produção não o circunscreveu “[...]como se tende a interpretar, à economia. É, antes, um conceito ontológico, pois diz respeito ao modo como é produzido o próprio ser dos homens” (SAVIANI, p. 110). Dessa forma, a estrutura social, o modo pelo qual os seres humanos reproduzem a sua existência, está sempre mediada por uma determinada forma histórica de sociedade.



Na sociedade regida pelo modo de produção capitalista, a escola corresponde à instituição social cuja função precípua é a de transmitir aos filhos dos trabalhadores os saberes que correspondem aos interesses dos dominantes. Todavia, contraditoriamente, também se constitui no local em que podemos obter o aprendizado dos conteúdos (conhecimentos) produzidos historicamente pela humanidade. Dessa forma, há a possibilidade que os educandos tenham acesso amplo e irrestrito à produção cultural produzida pela humanidade. Portanto, fica nítido a compreensão da educação enquanto um campo político. Assim sendo

[...] a primeira condição para se atuar de forma consistente no campo da educação é conhecer, da maneira mais precisa possível, o modo como se encontra estruturada a sociedade na qual se desenvolve a prática educativa. Como sabemos, a forma da sociedade vigente no mundo atual e, portanto, no Brasil se define pelo domínio do capital. É essa a característica da sociedade atual. Nela os meios de produção foram concentrados na forma de capital. Por isso, os donos dos meios de produção denominam-se capitalistas, constituindo a nova classe dominante em lugar dos senhores feudais, isto é, os proprietários de terra, que eram a classe dominante no modo de produção anterior. Os princípios que regem essa sociedade e que foram teorizados pelo liberalismo são a liberdade, a igualdade e a propriedade. Portanto, o pressuposto dessa organização social é a existência de proprietários formalmente iguais entre si que dispõem livremente de seus bens. Eis como comparecem no mercado as duas personagens principais da cena social: o trabalhador e o capitalista. A primeira é proprietário da força de trabalho; a segunda, dos meios de produção, que compreendem a matéria-prima e os instrumentos de trabalho. Destarte, na sociedade capitalista, defrontam-se no mercado proprietários aparentemente iguais, mas de fato desiguais, realizando, sob a aparência da liberdade, a escravização do trabalho ao capital. A sociedade capitalista é, portanto, dividida em classes com interesses antagônicos. Desse caráter da estrutura social capitalista, decorre que o papel da educação escolar será um se ela for posta a serviço do desenvolvimento do capital, ou seja, a serviço dos interesses da classe dominante; e outro se ela se posicionar a favor dos interesses dos trabalhadores. Não há possibilidade de uma terceira posição. A neutralidade é impossível. É isso o que se quer dizer quando se afirma que a educação é um ato político.

Somente realizando a curvatura da vara, a escola passa a propiciar a aquisição dos meios e instrumentos que possibilitem o acesso e ao saber elaborado (ciência), e a sua apreensão enquanto direito e condição para o estabelecimento da própria humanidade. A educação se torna fator de emancipação. Assim,

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas de atingir esse objetivo (Saviani, 1995, p. 17).



Na mesma direção que Gramsci, o autor de *Escola e Democracia* entende que “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam” (Saviani, 2003, p. 55). Dessa forma, dominar o que os dominantes dominam passa a ser condição de libertação. Assim, podemos entender que a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade é uma condição indispensável para a luta por emancipação. Voltemos à palavra de Saviani:

[...] a tarefa central dos educadores que se colocam no campo do marxismo implica em um duplo e concomitante movimento: trata-se de empreender a crítica à educação burguesa evidenciando seus mecanismos e desmistificando sua justificação ideológica; ao mesmo tempo, cabe realizar o segundo movimento que implica reorganizar a prática educativa de modo a viabilizar, por parte das camadas dominadas à frente o proletariado, o acesso ao saber elaborado. Esse acesso significa a apropriação dos conteúdos sistematizados dos quais os trabalhadores necessitam para potencializar sua luta em defesa de seus interesses contra a dominação burguesa. É por esse caminho que a ideologia proletária, isto é, a expressão elaborada dos interesses dos trabalhadores poderá se configurar com um poder lógico e uma força política capaz de disputar com a ideologia burguesa a hegemonia da sociedade. Nesse processo a escola desempenha papel fundamental, pois é ela que abre, por meio da alfabetização, as portas da cultura letrada no âmbito da qual se dá a elaboração do saber e o desenvolvimento do conhecimento científico. Portanto, os educadores que se colocam no campo do marxismo deverão ter clareza de que, se a burguesia se serve do saber elaborado para reforçar sua dominação, isso se deve ao fato de que ela busca se apropriar com exclusividade dessa forma de saber, excluindo dela os trabalhadores. Segue-se, pois, que o saber elaborado é colocado a serviço da burguesia, o que lhe dá a aparência de que se trata do próprio saber burguês. Na medida, porém, em que, pela análise do desenvolvimento histórico propiciado pela teoria marxista, nos damos conta de que o saber elaborado não é inerentemente burguês, mas é produzido pelo conjunto dos homens ao longo da história, nos deparamos com a seguinte tarefa: desarticular da ideologia burguesa o saber elaborado e rearticulá-lo em torno dos interesses dos trabalhadores. É esse o trabalho que nos cabe desenvolver como educadores, como o têm evidenciado os principais teóricos do marxismo (Saviani, 2009, p. 114-115).

Vimos que no decorrer da pandemia da Covid-19 se intensificou o uso dos mecanismos eletrônicos com as chamadas aulas remotas, na tentativa de compensação das atividades presenciais que foram suspensas no período mais agudo de contaminações. Em diversas lives e textos escritos naquele período, o professor Saviani chamava a atenção a respeito dos limites das aulas remotas e da impossibilidade de haver o ato pedagógico sem a mediação do professor, sem as condições objetivas para as atividades de ensino e para a aprendizagem efetiva por parte dos estudantes. Por



outro lado, contraditoriamente, houve uma melhoria acentuada e rápida das plataformas e dispositivos que permitem a realização de conferências, gravação e circulação de áudios e vídeos, com a possibilidade de disseminação chegar a um público expressivo.

Sabemos que o desenvolvimento e a proliferação das mídias eletrônicas e dos sistemas de difusão não se dão de maneira dissociadas da complexa engrenagem que constitui o modo de produção e de circulação hegemônico mundial. Desta forma, grande parte dos conteúdos que circulam são orientados por fins mercadológicos e impulsionados por algoritmos controlados pelas empresas detentoras dos monopólios do setor. Ainda são incipientes os mecanismos de proteção contra as chamadas Fake News e todas as formas de disseminação de mensagens fascistas e obscurantistas.

Todavia, também estão disponíveis um conjunto expressivo de publicações, de lives, materiais em áudio e vídeos, com conteúdos pedagogicamente expressivos para a compreensão das relações sociais e o fortalecimento da luta para o enfrentamento das injustiças e desigualdades. Entre os quais destaco os cursos sobre a Pedagogia Histórico Crítica realizados pelo Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR. As aulas são ministradas por um coletivo de docentes e sempre contam com a participação de Dermeval Saviani, bem como do coordenador executivo nacional do grupo, José Claudinei Lombardi, o qual tem se dedicado a tarefa de articular e viabilizar as atividades, com a adesão de várias universidades. As pessoas se inscrevem e podem receber a certificação como curso de extensão ou, no caso de estarem em Programas de Pós-graduação creditarem como disciplina optativa, conforme o regulamento interno dos respectivos cursos. Desta forma, temos a possibilidade ampliar os debates e as práticas educativas contra hegemônicas, realizando a curvatura da vara em múltiplas dimensões.

Em linhas gerais, e já caminhando para as considerações finais, podemos afirmar que a Pedagogia Histórico-Crítica nos fornece o referencial para avançarmos rumo à educação emancipadora. Não se trata apenas de mais uma teoria da educação, por ser também uma teoria pedagógica que dá suporte à prática educativa, é carregada de uma intencionalidade política a serviço da classe trabalhadora, com vistas as necessárias transformações na ordem vigente. Isso porque

[...] o desenvolvimento da educação e, especificamente, da escola pública, entra em contradição com as exigências inerentes à sociedade de classe de tipo capitalista. Esta, ao mesmo tempo em que exige a universalização da forma escolar de educação, não pode realizá-la plenamente porque isso implicaria a sua própria superação. Com efeito, o acesso de todos, em igualdade de condições, às escolas públicas organizadas com o mesmo



padrão de qualidade viabilizaria a apropriação do saber por parte dos trabalhadores. Mas a sociedade capitalista funda-se exatamente na apropriação privada dos meios de produção. Assim, o saber, como força produtiva independente do trabalhador, define-se como propriedade privada do capitalista. O trabalhador, não sendo proprietário dos meios de produção, mas apenas de sua força de trabalho, não pode, portanto, apropriar-se do saber. Dessa forma, a escola pública, concebida como instrumento de instrução popular destinada, portanto, a garantir a todos o acesso ao saber, entra em contradição com a sociedade capitalista.

Em suma, em sua radicalidade, o desafio posto pela sociedade de classes do tipo capitalista à educação pública só poderá ser enfrentada no sentido próprio, isto é, radicalmente, com a superação dessa forma de sociedade. A luta pela escola pública coincide, portanto, com a luta pelo socialismo por ser este uma forma de produção que socializa os meios de produção superando sua apropriação privada. Com isso se socializa o saber, viabilizando sua apropriação pelos trabalhadores, isto é, pelo conjunto da população (Saviani, 2014, p. 98-99).

Não podemos nos esquecer de que o fio condutor que atravessa o livro *Escola e Democracia* é a relação entre escola e política, e a indissociabilidade entre política e educação. Todavia, embora educação e política sejam inseparáveis, não são processos idênticos. Professores e estudantes se encontram em momentos distintos de compreensão da realidade. Seja pelo volume de leituras e compreensão cognitiva, seja por experiência acumulada. Uns conseguem alcançar uma visão sintética da prática social, com algum nível de reflexão; os outros uma visão ainda mais superficial, não reflexiva. O objetivo da educação deverá ser então reduzir a precariedade de síntese do professor e elevar o domínio de síntese do estudante para que seja atingida a catarse, e ambos tenham autonomia de compreensão de uma determinada prática social e assim possam nela intervir, na perspectiva transformadora. O processo pedagógico, dessa forma, conduzirá professores e estudantes a uma totalidade que contenha relações numerosas e complexas pela mediação das análises e objetivando a emancipação coletiva.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões levantadas por Saviani em *Escola e Democracia*, ao desenvolver as reflexões em torno da necessária curvatura da vara, e que causou uma aguçada polêmica, foi a sua crítica à Escola Nova. A crítica se dirigia aos aspectos ainda conservadores e/ou insuficientes para o avanço da democracia e, principalmente, da emancipação ampla, na medida em que havia escolanivistas pouco comprometidos com



os enfrentamentos políticos visando as transformações profundas que se faziam necessárias e, principalmente, pela ausência ou negligência na compreensão da luta de classes e a superação da ordem econômico-social. A crítica contundente de Saviani se voltou àqueles que, mesmo se colocando em contraponto à pedagogia tradicional, estavam construindo uma nova escola na qual a ênfase nos meios de aprender acabava por obscurecer a importância dos conteúdos culturais que constituem um bem universal e recurso emancipador. E hoje, o que a conjuntura no campo educacional nos aponta? A quais segmentos endereçamos a crítica, para que possa haver a curvatura da vara?

As perguntas ficam em aberto para ensejar os debates e análises mais apuradas. Todavia, deixo algumas pistas para fomentar as respostas. A primeira delas é um aprendizado obtido das leituras de Marx, da necessidade de união dos trabalhadores de todos os pontos do mundo, unirem-se na luta em torno das questões comuns que lhes afetam. Ele não conclamou a luta por causas específicas que correspondem a interesses individualistas. E nem poderia, diante da compreensão da sociedade de classes e da necessidade de sua superação.

O processo educativo que se realiza no âmbito da escola, assim como os demais fenômenos, é condicionado, em última instância, pelo modo de produção da vida material, no qual as relações de produção e as forças produtivas são fundamentais e requerem ser conhecidas se quisermos apreender o modo como as pessoas vivem e se reproduzem, pensam e transmitem as ideias e os conhecimentos, trabalham e produzem mudanças sobre a realidade natural e social. Compreender o modo de produção da própria existência humana, como base e fundamento da história, constitui tarefa inadiável a quem almeja lutar pela transformação social. E a PHC se apresenta como orientadora da ação educativa transformadora.

A PHC não é uma utopia. É uma teoria. Teoria educacional. Muitas vezes usamos a palavra teoria de forma coloquial, como uma hipótese, por exemplo: eu tenho uma teoria para explicar tal situação. Configura-se uma mera sugestão que pode ser refutada ou aceita. Todavia, quando estamos tratando de teorias científicas, elas não são hipóteses, por conseguinte, não há nada de hipotético na pedagogia histórico-crítica. Ela é fundamentada e amplamente debatida, podendo ser aplicada em todos os níveis e modalidades educacionais. A PHC nos aponta caminhos, porém, não os apresenta como inexoráveis. Todavia, são caminhos seguros que podem derrubar pontes que nos separam, educadores e educados, educadores e trabalhadores, diante da fúria dos opressores que continuam a curvar a vara em torno de seus interesses. Cabe-nos, contraditoriamente, compreender e agir, para além da curvatura da vara.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. N.; GONÇALVES, R. M. P. Escola e democracia: uma ode à educação. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, v. 22 p. 1-8, 2022. [Seção] Resenhas. Resenha da obra de: SAVIANI, D. Escola e Democracia. Campinas: Autores Associados, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/G6JSZR9fnKjqSzyspNykHcw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 mai 2023.

LIMA, J. F. L. de. Escola, formação humana e a contribuição pedagógica de Dermeval Saviani no cenário contemporâneo. **Revista Roteiro**, v. 44, n. 2, 2019.

LOMBARDI, J. C. Educação e ensino em Marx e Engels. In: **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 20–42, 2010. DOI: 10.9771/gmed.v2i2.9581. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9581> Acesso em: 20 mai 2023.

LOMBARDI, J. C.; COLARES, A. Fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica. In: LOMBARDI, J. C.; COLARES, M. L. I. S.; ORSO, P. J. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica e prática pedagógica transformadora**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

LOMBARDI, J. C.; COLARES, A. Escola pública, projeto civilizatório burguês versus práxis emancipadora. In: **Revista USP**, [S. l.], n. 127, p. 11–26, 2020. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.i127p11-26](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i127p11-26). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180014>. Acesso em: 20 mai. 2023.

LOPES, S. A.; DOMINGUES, V. M. Alienação, conhecimentos e educação contra-hegemônica (Alienation, knowledge and counter-hegemonic education). In: **Crítica Educativa**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 58–72, 2018. DOI: 10.22476/revcted.v4i1.282. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/282> Acesso em: 28 mar. 2023.

MARX, K. ENGELS, F. **O manifesto comunista**. 6 ed. Tradução Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

ORSO, P. J. Os desafios de uma educação revolucionária. In: ORSO, P. J. MALANCHEN, J. CASTANHA, A. P. (Org.) **Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução: 100 anos da revolução russa**. Campinas: Armazém do Ipê, 2017.

SAVIANI, D. **Aula 3: Fundamentos Filosóficos e Históricos da Pedagogia Histórico-Crítica**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2HHf8kUCL> Acesso em 20 mar 2022.



SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 34 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Edição comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. Modo de produção e a pedagogia histórico-crítica. In: **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 110-116, jun. 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, D. **O lunar de Sepé: paixão, dilemas e perspectivas na educação**. Campinas: Autores Associados, 2014.

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classes e a educação escolar. In: SAVIANI, D. DUARTE, N. **Conhecimento escolar e luta de classes**. A pedagogia histórico-crítica contra a barbárie. Campinas: Autores Associados, 2021.

TEDESCO, J. C. Elementos para um diagnóstico del sistema educativo tradicional em América Latina. In: **UNESCO/CEPAL/PNUD**. El cambio educativo: situación y condiciones. Informes Finales 2. Año 1981.

